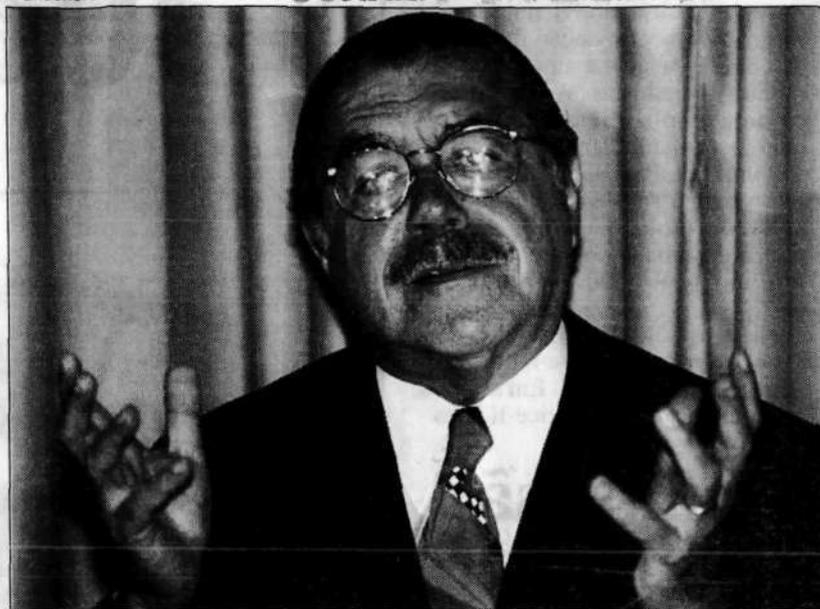


Sarney: ajuda não precisa de aval

CORREIO BRAZILIENSE

Wanderlei Pozzembom



Sarney emprestou dinheiro a Cuba e a Nicarágua sem passar pelo Senado

O novo presidente do Senado, senador José Sarney (PMDB-AP), entende que o empréstimo do Brasil ao México tem precedentes e não está convencido de que necessite de aprovação do Senado.

Ontem Sarney lembrou, em conversa com o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), que em seu governo concedeu empréstimos de socorro a diversos países, inclusive Cuba e Nicarágua, o que lhe teria causado embaraços diplomáticos com os Estados Unidos.

Apesar de todo o debate que o assunto vem suscitando no Congresso, até o final da tarde de ontem o governo ainda não sabia em que programa de socorro ao México participará, nem qual o volume de recursos dessa ajuda.

Além do presidente Fernando Henrique Cardoso, o empréstimo mobiliza o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Pêrsio Arida, envolvidos com a ajuda ao governo mexicano.

Mas ambos têm evitado declarações à imprensa sobre o esquema de ajuda e o seu montante.

Serra — O ministro do Planejamento, senador José Serra voltou a defender o empréstimo dos EUA ao México como um fator tranquilizador para a região, inclusive o Brasil.

Disse que ainda não havia uma previsão de qual será a participação brasileira no empréstimo de US\$ 1 bilhão que os países da América Latina vão conceder ao México.

O Brasil tem negociado esse apoio com Argentina, Chile e Colômbia e procura atrair outros países para o empréstimo conjunto.

Ele ressaltou, no entanto, que "o Brasil exigirá garantias boas do México para emprestar o dinheiro". A principal garantia daquele país são suas jazidas de petróleo.

EUA atraem investidores

Rio — Apesar de o pacote de US\$ 47,8 bilhões de ajuda ao México ter afastado ontem o "efeito tequila" das bolsas de valores brasileiras — com alta de 2,5% no Rio e de 2,69% em São Paulo, enquanto o México caía mais de 4,5% —, a elevação dos juros nos Estados Unidos, anunciada dez minutos antes do fechamento dos pregões, deixou o mercado de ações desanimado.

Os investimentos ganharam ontem um grande estímulo para retornar às suas origens com a decisão do Federal Reserve (FED) — banco central americano —, de elevar os juros em 0,50 ponto percentual.

Com a medida, a alta das taxas de juros americanas é hoje 1,25 pontos

superior aos níveis de fevereiro de 1994.

Estímulo — Somada à perda de confiança nos países emergentes após a crise do México, a medida é mais um estímulo para que o capital retorne aos EUA.

No México, a queda da bolsa já revela esse movimento. Após uma alta de 20% em dólar na véspera e com a expectativa de alta dos juros, foi grande a venda de ações para obtenção de lucros e repatriação de capital.

Até mesmo os títulos de países emergentes negociados no mercado americano tornam-se menos interessantes. Os títulos da dívida externa brasileira, por exemplo caíram de cotação.

Governo busca saída negociada

O embaixador Sérgio Amaral, porta-voz da presidência, anunciou que o governo está buscando uma "modalidade" que lhe permita enviar ajuda para o México — em forma de um "entendimento" — sem ter que submeter o problema ao Congresso.

Estimulado pela decisão do governo norte-americano de viabilizar sua ajuda financeira ao México sem o crivo do Senado dos Estados Unidos, o governo brasileiro está debruçado sobre a mesma questão.

Sérgio Amaral explicou que os EUA, ao substituírem os mecanismos de garantias por um outro de assistência, via fundo de estabilização, deixaram de abrir um "péssimo precedente" para a América Latina.

"Isto não é uma operação dos EUA em favor de um sócio seu no âmbito do Nafta", disse Sérgio Amaral. "Isto tem a característica de um esforço multilateral que se assemelha ao embrião de um esquema que o Brasil sempre defendeu".

O "embrião" a que Amaral se referiu é a incrementação do Acordo Geral de Empréstimos, do FMI, que poderá unificar as ações dos países participantes toda vez que houver casos de dificuldades transitórias de câmbio ou de balanço de pagamento, com o objetivo de dar assistência aos bancos centrais.

Dinheiro só sai se houver garantia

O Brasil verificará as garantias que podem ser oferecidas pelo governo mexicano, antes de aprovar qualquer empréstimo àquele país.

A afirmação é do ministro licenciado do Planejamento, senador José Serra (PSDB-SP), que ontem deixou o ministério para tomar posse do seu mandato de senador.

"Precisa ver as garantias. O Brasil não vai fazer nenhum empréstimo se não houver boas garantias", afirmou ele.

Serra disse, no entanto, que não sabe se o Brasil está integrando o pacote de ajuda ao México coordenado pelo governo norte-americano, nem qual seria o montante a ser emprestado.

"O empréstimo dos Estados Unidos é extremamente importante para que a crise seja superada. É importante para toda a América Latina. Devemos torcer para que o México dê certo", defendeu Serra.